

## A JUSTIFICATIVA DA VIOLÊNCIA NA RELIGIÃO

Lucas Ribas<sup>1</sup>

## THE JUSTIFICATION OF VIOLENCE IN RELIGION

**Resumo**

Diante dos inúmeros fatos que ilustram o autoritarismo presente no fundamentalismo religioso que finda em violência, é mister explorar algumas causas e consequências dessas ações. A reflexão antropológico/filosófica, aponta para a religiosidade como necessidade do homem, que em muitos casos revela-se como oportunidade de afugentar os medos. Assim, a presença do medo já se encontra, na origem da religião. Deste modo, buscamos apresentar como o sentimento primitivo do medo, em sua dimensão psicológica, é capaz de, em nome da sobrevivência e defesa, tornar-se arma nas mãos de fundamentalistas e extremistas. Considerando que a religião é um elemento que constitui povos e nações, sendo também bandeira a ser levantada e defendida, conduzindo na maioria das vezes à violência como único meio de salvaguardar o sagrado e aquilo que se crê.

**Palavras-chave:** Religião; Fundamentalismo; Violência, justificativa

**Abstract**

Faced with the numerous facts that illustrate the authoritarianism present in religious fundamentalism that ends in violence, it is necessary to explore some causes and consequences of these actions. Anthropological/philosophical reflection points to religiosity as a human need, which in many cases reveals itself as an opportunity to drive away fears. Thus, the presence of fear is already found in the origin of religion. In this way, we seek to present how the primitive feeling of fear, in its psychological dimension, is capable, in the name of survival and defense, to become a weapon in the hands of fundamentalists and extremists. Considering that religion is an element that constitutes peoples and nations, it is also a flag to be raised and defended, leading most of the time to violence as the only means to safeguard the sacred and what one believes in.

**Keywords:** Religion; Fundamentalism; Violence, justification.

---

<sup>1</sup> Licenciado em Filosofia, com especialização em Neurociência e Comportamento humano; Antropologia e História; Docência no Ensino Superior e MBA em Gestão de Projetos. Graduando de Psicologia pela UniGuairacá e História pelo Instituto Zayn. Professor da Rede Estadual de Ensino do Paraná.

## INTRODUÇÃO

No âmbito jurídico, para que o tempo de trâmite e resposta processual seja reduzido, a De fato, vivemos em um mundo rodeado de impunidade, descaso, soberba e ganância. Destes predicados, é importante compreender que ao praticá-los, e até mesmo ser vítima deles, o homem, por vezes, acaba por sucumbir ao seu desejo de poder e sua elevação o torna um “pseudo-soberano”, levando-o a agir com violência e autoritarismo sobre os demais. Em linhas gerais, o caráter psicológico do homem é que o insere em uma cadeia de fatos e causas que geram o a violência.

A reflexão antropológica e filosófica, aponta para a religiosidade como sendo uma necessidade do homem, Leloup afirma que “Alguns verões, na origem do sentimento religioso do homem, o medo diante das forças da natureza e uma maneira de se reconciliar com elas por meio de rituais e sacrifícios.” (LELOUP, 2006, p. 10). Assim, a presença do medo<sup>2</sup> já se encontra, nesta explicação, na origem da religião. Este medo leva o homem, inevitavelmente, a uma constante busca por superá-lo, e muitas vezes este homem não mede esforços para garantia de sua sobrevivência. Caindo assim em ações contrárias a natureza humana criada por Deus (Cf. Gn 2) que se configura como ação violenta.

Contudo, não é via de regra que a violência seja apenas um desvio ou uma necessidade selvagem de subsistência manifesta por alguns. Em muitos casos, como percebe-se ao longo da história, desde a perseguição do povo de Israel, passando pela perseguição primitiva dos cristãos, tocando os violentos golpes contra judeus pelos nazistas até os recentes ataques a cristãos do oriente médio, a violência vem ancorando-se em um álibi, a religião.

A este álibi, Leloup denomina: “A guerra santa, jihad ou cruzada – pouco importa o nome – é considerada um “esforço sincero para destruir os infiéis e transmitir a verdadeira fé!””. (LELOUP, 2006, p. 13). Assim, busca-se uma justificação da violência religiosa, por meio de uma defesa de crenças. A religião torna-se produto e motivo de guerra.

Deste modo, o presente artigo versará a respeito da justificação da violência por meio da religião. Primeiramente buscando esclarecer a íntima relação entre o homem e a religião. Em um segundo momento apresentando as origens do fundamentalismo religioso. E por fim, apresentando alguns acontecimentos que marcaram a história, registrados como atentados religiosos, ilustrando assim, como, em nome do sagrado, o homem viola a dignidade e a soberania da vida.

---

<sup>2</sup> O medo expresso pelo autor não é considerado apenas como temor ou simples medo (como usado habitualmente). É um medo de estar subjugado as forças da natureza, de não poder compreende-las ou vivencia-las de modo que não cause sofrimento demasiado. Este medo é ilustrado pelas primeiras tentativas de explicar os fenômenos naturais através da mitologia. Buscando agradar aos deuses para que as forças da natureza não incidissem contra o povo ou os deuses não se irassem manifestando sua cólera por meio de ventos fortes, chuvas, fogo etc.

## O HOMEM E A RELIGIÃO

Etimologicamente religião é o termo derivado do latim que significa religar. Este “religar” infere uma relação, que nesse caso é relação ao divino, ao sagrado. É a vinculação do homem com o transcendente, algo que o ser humano acredite como extraordinário.

Antropologicamente a religião é parte constituinte do homem. A religiosidade forma em partes a constituição de qualquer civilização. O homem é religioso e anseia por religiosidade em sua constituição geral e ontológica, como afirma Eliade (2008) “Essa necessidade religiosa exprime uma inextinguível sede ontológica. O homem religioso é sedento do ser”. (ELIADE, 2008, p. 60).

Ou seja, em seu ser o homem é sacral (religioso). Para justificar sua posição acrescenta ainda, “Não se deve esquecer que, para o homem religioso, a sacralidade é uma manifestação completa do Ser”. (ELIADE, 2008, p. 116).

Sendo o homem um ser religioso, aquilo que ele forma também possui características e bases religiosas, ou seja, a cultura (Cf. BELLO, 1988, p.65). Uma sociedade formada de homens ontologicamente religiosos é uma sociedade religiosa. Esta é uma característica das grandes civilizações, em geral, nota-se que todas as grandes civilizações nasceram em torno de figuras religiosas.

## O FUNDAMENTALISMO RELIGIOSO

O fundamentalismo religioso está presente nas grandes religiões, dentre estas cita-se o cristianismo, judaísmo e islamismo. Este pensamento nasceu independente destas religiões ou de alguma crença particular. Ele estando inserido nas religiões, e acaba por disseminar grandes preconceitos, tornando-se intolerante com crenças diferentes da sua.

Com isso, torna-se contrário aos ensinamentos de suas respectivas religiões, as quais pregam a convivência pacífica e a aceitação entre todos os seres humanos. Este fundamentalismo é assim definido por Leonardo Boff:

É assumir a letra das doutrinas e normas sem cuidar de seu espírito e de sua inserção no processo sempre cambiante da história, que obriga contínuas interpretações e atualizações, exatamente para manter sua verdade essencial. Fundamentalismo representa a atitude daquele que confere caráter absoluto ao seu ponto de vista. (BOFF apud BENINI, 2012, p. 2).

A maneira de agir destes grupos fundamentalistas traz inúmeras consequências para a humanidade, impactando à cultura, às leis e de forma geral a sociedade. “Hoje, o fundamentalismo religioso, como prática, se encontra presente em quase todas as sociedades e muitas das religiões [...]” (BENINI, 2012, p. 3). Desta forma, a religião é instrumento de paz e unidade, todavia, também acaba sendo contexto de diferentes formas de violência.

Contudo, não se pode negar que as três religiões citadas anteriormente, tem suas relevâncias na criação da identidade de seus respectivos povos. O Judaísmo tem seu papel de constituição do povo hebreu; o Cristianismo para o povo europeu; e o Islamismo para os povos árabes. E cada uma destas religiões tem seu livro sagrado, para o Judaísmo é o Torá ou pentateuco, onde se encontram as leis; no Cristianismo é a bíblia, contendo-a 76 livros, divididos entre antigo e novo testamento; e para o Islamismo é o Alcorão.

Destarte, o grande problema se encontra na interpretação que estes grupos fundamentalistas fazem destes livros sagrados. Não se deve negar que a violência está presente nestes textos, mas, “Por mais sagrados que sejam os textos fundadores, a fé é inseparável de uma hermenêutica. E nenhum texto se reduz à interpretação que lhe queiram dar fundamentalistas ou liberais.” (BENOIST *apud* PINTO, 2009, p. 12).

Com o passar dos anos as interpretações feitas acerca dos livros sagrados adveio a adquirir novas características, passando a representar grupos fundamentalistas. E estes sobrepuseram a sua interpretação sobre o que realmente esses textos diziam. E usaram deles para justificar a violência contra aqueles que não eram adeptos à sua crença religiosa.

Os fundamentalistas religiosos apoiam a interpretação literal destes textos, e além disso, eles encontram-se na ala mais conservadora de cada religião, não apoiando a evolução que estas crenças tem. Desta maneira, Benini explicita mais essa questão:

[...] independente da religião professada, o fundamentalista religioso atual acredita em uma verdade literal, inerrante, extraída de seus textos sagrados. E, em razão desse literalismo, opõem-se a novas interpretações ou qualquer mudança em seus princípios. Acreditando que as menores alterações de seus conceitos sejam ofensivas a Deus. (BENINI, 2012, p. 5).

Um exemplo disso é o fato da criação para os cristãos, os quais acreditam que tudo aconteceu mesmo em sete dias, e que Adão foi o primeiro homem, e Eva foi feita de uma costela sua. E essa postura influencia na moral, na família, no trabalho, e de modo geral na sociedade que está envolvida neste contexto.

Sendo assim,

“[...] o fundamentalismo religioso, representa um fenômeno de grande importância, pois sua influência hoje ultrapassa os limites da religião, ocupando espaços na política, na economia e na cultura dos povos.” (BENINI, 2012, p. 6).

E ele carrega um traço ideológico muito grande, e se contrasta com a visão contemporânea, despertando a intolerância religiosa. No Judaísmo, este fundamentalismo tornou-se um grande obstáculo na construção de um acordo de paz, o qual permitiria a coexistência de um Estado Palestino e outro judeu. E ele transformou-se em um projeto político, deixando de lado a prática religiosa, que deveria ser constante na vida cotidiana dos judeus.

Já no Cristianismo, que tem suas bases no Judaísmo, mas que ganhou novo significado com Jesus Cristo, o fundamentalismo se originou na aliança da Igreja (poder espiritual) com o Estado (poder temporal).

Desta aliança originou-se as cruzadas, a inquisição, as reformas protestantes e guerras entre grupos cristãos. E isso torna-se um paradoxo para os cristãos, pois, seus princípios são pacifistas. “Bem-aventurados os pacificadores, porque eles serão chamados filhos de Deus.” (Bíblia, N. T. Mateus, 5. 9). E tudo isso parece ter mudado em vista do pretexto da integridade e da defesa da fé. Além disso, o Cristianismo passou a ser caracterizado como violento, devido não somente pelas cruzadas e pela inquisição, mas também pelas alianças com o próprio poder temporal.

E no Islamismo, que tem como fundador o Profeta Maomé, que foi um enviado de Deus para anunciar sua palavra e converter a cidade de Meca, o fundamentalismo religioso também é marca forte. Em um dos seus dogmas, os fiéis são orientados ao esforço para a propagação da fé muçulmana. “Convoca (os humanos) à senda do teu Senhor com sabedoria e uma bela exortação; dialoga com eles de maneira benevolente...” (Alcorão Sagrado, Sura 16, versículo 125). Todavia, na história vemos uma imposição desta fé para a conversão dos povos, e não uma mensagem feita de forma pacífica.

Ainda mais, neste século foi visto fortes expressões do fundamentalismo islâmico, onde pode-se citar o exemplo dos ataques terroristas. E isso constitui muitas dificuldades entre a relação dos países e principalmente dificulta o diálogo inter-religioso. E além disso, um dos fatores responsáveis por isso, é explicado pelo testemunho, que é “[...] aquele que mata ou se deixa morrer na via de Alá, ou seja, a violência não provém exclusivamente da parte do adversário, mas é também assumida pelo crente, que recorre a ela com toda legitimidade.” (PINTO, 2009, p. 13).

Sendo assim, o fundamentalismo religioso tem em seu seio a violência como forma de proteção daquilo que ele interpreta literalmente das escrituras. E não se pode negar que a violência está presente na religião, pois, como afirma Schmuél Trigano: “[...] existir é estar na violência e o Deus bíblico é um Deus presente na história e no mundo dos homens.” (TRIGANO apud PINTO, 2009, p. 14).

Portanto, as religiões acabam por ser um instrumento onde é usada a violência para sustentar o fundamentalismo religioso. Todavia, não se deve esquecer que essas mesmas têm em seus seios a dignidade de serem portadoras da paz social, transformando o mundo e a sociedade num espaço melhor para a convivência entre os indivíduos.

## **O SAGRADO COMO IDENTIDADE ÉTNICA E JUSTIFICATIVA DA VIOLÊNCIA**

Inúmeros grupos são reconhecidos e caracterizados por suas relações com o sagrado. Esta é uma maneira de definir limites e a personalidade de cada grupo, nação ou civilização. Ou seja, a religiosidade define certa identidade. Assim, conhecemos muçulmanos por suas atividades religiosas oracionais e em público, judeus por suas vestes típicas, budistas por suas

expressões corporais e de vestuário, cristãos por seus símbolos e gestos que imitam os de Cristo etc.

Mas, esta identificação, torna o homem pertencente a um meio ou grupo, o torna membro de um clã, de uma nação, de uma religião. Sendo membro de um grupo, o homem tende a defendê-lo, por instinto de sobrevivência. E segundo Noé existe no homem “[...] a permanente luta da vida contra a tendência de destruição”. (NOÉ, 2004, p. 144). Defender-se é mostrar-se forte, soberano, poderoso sobre os demais. Assim, membros de grupos religiosos tendem a mostrar-se acima de grupos considerados inferiores, impulsionados pelo desejo de poder acabam por cometer ações violentas.

As diferenças de credos, cultura e *modus vivendi*, confirma no homem uma singularidade, e segundo Oliveira (2012) “[...] as diferenças percebidas como algo negativo deram origem a preconceitos que geraram e legitimaram os mais variados tipos de violência [...]” (OLIVEIRA, 2012, p. 14).

Assim, percebemos como a religião torna-se justificativa de atos violentos. De fato, o sagrado não é garantia de que se possa matar ou destruir, porém é usado como instrumento de justificação de atrocidades e ações dolorosas para a humanidade.

## **VIOLÊNCIA EM NOME DO SAGRADO**

Frequentemente os noticiários são carregados de notícias que comunicam atos violentos em nome do sagrado. Habitualmente pergunta-se “Pode a religião ser causa da violência? [...] Pode alguém utilizar o nome de Deus para matar?” (OLIVEIRA *et* ECCO, 2012, p. 4). Já vimos que a religião forma a cultura humana, de modo que, forma também o caráter e o *modus vivendi* dos indivíduos.

Podemos citar os diversos fatos que marcaram a humanidade a partir de extremismos religiosos. Cronologicamente e dando alguns saltos ilustramos com os seguintes: Exílio do povo de Israel na babilônia, iniciado no ano 609 a.C, que tinha como finalidade o definhamento da cultura judaica que oferecera riscos ao reinado de Nabucodonosor e assim gerou hostilidade entre o povo judeu que retornou para sua terra e viu tudo destruído e uma multiplicidade de culturas e povos que dominaram seu território e os impediam de manifestar sua fé por meio da violência.

Dando um salto histórico, nos deparamos com a perseguição à Cristo, que de certo modo se justificava religiosa e politicamente, uma vez que Jesus era visto como perigo para os poderosos e detentores do poder religioso de sua época. Chegando a ser crucificado pelos chefes de seu próprio povo. E como consequência, seus seguidores também sofreram perseguições por propagarem sua doutrina e anunciarem o Evangelho.

Mais à frente, após um período de 1300 a 1500 anos, nos confrontamos com os fatos históricos que manifestam tanto o domínio do poder religioso quanto político, com a busca por territórios e o uso da força para conquistar terras em nome de Deus, o que é conhecido como cruzadas. Mais além, neste mesmo período, houve a perseguição e condenação de homens e

mulheres consideradas hereges, por não seguirem ou anunciarem a doutrina cristã católica. Fato conhecido Santa Inquisição.

Alguns séculos depois, ocorreram os atos violentos do regime nazista que julgava, condenava e matava judeus, apenas por suas convicções religiosas. Foi um ato político e brutal, contudo, manifestava a pseudo-superioridade de uma raça, cuja religião era o cristianismo. Porém, após a queda do regime de Hitler, judeus também se rebelaram contra os cristãos, matando-os e condenando-os como culpados de toda a perseguição política e étnica imposta pelo nazismo.

Já neste século, o mundo foi impactado pela notícia do atentado de 11 de setembro de 2001, em que extremistas islâmicos, em nome de Ala, atacaram edifícios norte-americanos, com a justificativa de acabarem com os “infieis”. Manifestaram assim, sua capacidade para a guerra em nome do sagrado, destruindo e aniquilando aqueles que consideram religiosa e moralmente inferiores a eles e indignos de existência.

## REFERÊNCIAS

ELIADE, Mircea. **O Sagrado e o Profano: a essência das religiões**. São Paulo – SP: Martins Fontes, 2008.

BELLO, Ângela A. **Culturas e religiões – uma leitura fenomenológica**. Bauru – SP: EDUSC, 1988.

NOÉ, Sidney Vilmar, **Religião e violência: da repressão da agressividade à sua sublimação**. In: SANTOS, Mabel Salgado Pereira; SANTOS, Lyndon (org.). **Religião e violência em tempos de globalização**. São Paulo – SP: Paulinas, 2004.

OLIVEIRA, Irene Dias de *et* ECCO, Clóvis. **Religião, violência e suas interfaces**. São Paulo – SP: Paulinas, 2012.